

A aula – algumas considerações

Ivana Guimarães Lodi*

Resumo – Este artigo tece algumas reflexões sobre a aula e os processos de construção e vivência dos conhecimentos que têm sido pesquisados por diversos autores. Pensar sobre a aula é pensar sobre tudo o que se faz para que ela aconteça, seus limites e suas potencialidades. O momento da aula não é o de apenas acumular saberes, convivências e conhecimentos, mas o de buscar construir a autonomia cognitiva, epistemológica e humana dos envolvidos. Mesmo com tantas mudanças e transformações intra e extra classe, a aula ainda é um momento privilegiado e inigualável na promoção e na vivência de conhecimentos para o exercício da cidadania em suas várias dimensões.

Palavras-chave: aula, conhecimento, mudanças, possibilidades.

*“...O essencial é saber ver.
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.
Mas isso (tristes de nós que trazemos
a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender...”*

Fernando Pessoa.

Desvelar o processo de construção do conhecimento tem sido a meta de vários estudos ao longo da história, especificamente, da história da educação, que mesmo hoje, diante de avanços e de um grande número de pesquisas e estudos, constitui-se como algo em constante investigação.

Partindo do princípio filosófico de que é preciso em primeiro lugar “conhecer-se a si mesmo”, nos questionamos sobre o que realmente isto significa e até que

ponto nos conhecemos, e como este processo interfere em nosso aprendizado. Penin diz “no que se refere ao estado atual da compreensão da ‘construção do conhecimento’, o que se pode afirmar um pouco mais seguramente sobre o assunto é que são muitas as mediações presentes neste processo, algumas mais bem reveladas do que outras” (1999, p. 16).

Especificamente, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, um dos pontos relevantes é quanto à aula. O que seria aula; como ela acontece; quais os melhores caminhos na sua condução; que metodologias ou didáticas utilizar? Pensar sobre a sala de aula é convidar a pensar a vida que existe atrás de tudo que faz com que ela aconteça. Ao pensar, percebemos parte dos limites e potencialidades que esse fazer e viver a aula envolve, implica em capacidade crítica frente ao próprio saber (DEMO, 2005), e é pensando sobre a aula e tudo que a envolve, que ousamos fazer algumas considerações.

Muitos autores e pesquisadores já investigaram e continuam a investigar esta temática. Vale lembrar aqui das palavras de Roland Barthes, em uma aula inaugural no Colégio da França em 1977, quando disse:

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*; de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível (1978, p. 47).

Analisando estas palavras, percebemos que o conhecimento, com tudo que ele envolve, deve em primeiro lugar, fazer com que todas as pessoas que aprendem, saibam utilizar as informações e conhecimentos, para se tornarem pessoas melhores e mais responsáveis. Não adianta apenas acumular saberes se estes não nos fazem

melhores e capazes de melhorar o mundo em que convivemos e atuamos.

As aulas não podem ser apenas momentos de enunciados e esclarecimentos, pois o pensar criativo, muitas vezes não encontra espaço porque enchemos a cabeça dos alunos com autores, informações, cópias, leituras, sem buscar levá-los a construção de autonomia cognitiva e epistemológica.

Eu digo que ler não é só caminhar sobre as palavras, e também não é voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão entre o texto, e também como vincular o texto/contexto com o meu contexto, o contexto do leitor (...) Portanto, sou favorável a que se exija seriedade intelectual para conhecer o texto e o contexto. Mas, para mim, o que é importante, o que é indispensável, é ser crítico. A crítica cria a disciplina intelectual necessária fazendo perguntas ao que se lê, ao que está escrito, ao livro, ao texto. Não devemos nos submeter ao texto, ser submissos diante do texto. A questão é brigar com o texto (...) Em última análise, é uma operação que exige muito. Assim, a questão não é só impor aos alunos numerosos capítulos de livros, mas exigir que os alunos enfrentem o texto seriamente. (FREIRE, SHOR, 1986, p. 22)

Desde quando foram criadas as primeiras escolas, por volta do século XI, muitas mudanças aconteceram, não só em relação à produção e divulgação do conhecimento, como também, nas formas e maneiras de vivenciar a prática e troca destes conhecimentos, nos estabelecimentos de ensino chamados de escola.

O que nos chama a atenção atualmente é o grande número de trabalhos que questionam o processo do como e para que acontece o que foi denominado de aula. Também temos ouvido em diversos meios acadêmicos e até sociais, que a 1
escola e, conseqüentemente, a aula não acompanharam o processo acelerado de evolução. Vive-se nas escolas metodologias e práticas defasadas que não privilegiam o processo de ensinar e aprender. Aí, nos questionamos, será realmente isso? A aula está “fora de moda”?

Perguntamos a alguns alunos e professores do Centro Universitário de Araxá – UNIARAXÁ, sobre o que vem a ser a aula para eles, e obtivemos algumas respostas interessantes, tais como:

“Um momento que oportuniza o crescimento pessoal e também profissional. Deve objetivar a construção do conhecimento de forma coletiva, mediante internalizações pessoais. Deve também ser compreendida numa dimensão sócio-histórica e sempre inserida num contexto cultural”. (professora)

“Um espaço de aprendizagem significativa, baseado em uma tríade: professor-conhecimento-aluno. Nesse espaço, o conhecimento é construído e nunca compartimentado, em que todos os saberes se organizam de modo a formar uma rede”. (professora).

“Oportunidade de convívio com mestres e outros, onde, através da troca de conhecimento e experiências constrói-se o ‘saber’. Ou seja, é a oportunidade de agregar valores não só em nível intelectual, mas também social e pessoal”. (aluna)

“Um complemento, uma continuação dos estudos feitos em livros, em TVs, nas falas, em casa. É estar interagindo com as outras pessoas e com o próprio professor que nos ensina. É aprender e também poder ensinar, ou seja, é uma troca em que as partes interessadas juntam seus conhecimentos, tornando assim, a AULA prazerosa, gostosa, onde os conhecimentos se fundem fazendo com que todos cresçam”. (aluna).

Percebe-se que, tanto no que disseram os professores, como os alunos, a aula ainda é vista como um momento fundamental na construção dos conhecimentos, e também, na interação humana, afinal a escola não é apenas o lugar de troca de informações e saberes, mas é também um local privilegiado para a troca humana e a concretização da prática cidadã. Sabemos que o exercício da cidadania é a condição essencial para efetivar, entre outras coisas, a democracia verdadeira, sendo ambas inseparáveis. Cabe à escola, com todos os desafios que ora lhe são impostos em sua prática cotidiana, enfatizando aí a importância da aula, promover a consciência de que saber é um forte instrumento do *ser cidadão*. A aula pode e deve oferecer possibilidades que preparem o aluno para o “exercício da

cidadania”, possibilitando uma capacidade de conviver democraticamente em todos os aspectos, sejam eles, humanos, sociais ou políticos. “Nesse sentido, a escola ‘produz’ pelas relações que estabelece e alimenta, pela estrutura e organização que encarna, por seu papel socializador e pelos conteúdos que transmite” (BORDIGON e GRACINDO, 2000, p. 158).

Subirats (2000, p.195) afirma que “a produção de personalidades capazes de viver em sociedade, que (deve) ser a finalidade da educação, (e consequentemente da aula), ainda continua sendo pensada como resultado casual de um conjunto de circunstâncias complexas e geralmente incontroláveis”; não é mais possível continuar a produzir esta educação descomprometida e reprodutora, que ainda temos. Lembramos que “a finalidade da educação escolar na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada é possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades de operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria” (PIMENTA & ANASTASIOU, 2002, p. 81).

Para que isso se efetive são necessárias a vontade e a seriedade das políticas governamentais voltadas para a educação e principalmente da coragem daqueles que, diante de tantas adversidades diárias – verdadeiros educadores – ainda lutam e acreditam na utopia que se transforma em sonho possível.

No que diz respeito ao papel dos professores, é evidente a falta de respeito e até o grande desprestígio que têm passado, fruto de um longo processo histórico, de descaso político, social e ideológico. Várias mudanças ocorreram e continuam a ocorrer na área educativa de forma acelerada, e muitas vezes descontextualizada, sem respeitar e valorizar os profissionais da educação. Segundo Esteve (1991), podemos destacar algumas dessas mudanças, como o aumento nas exigências em relação ao professor, a inibição frente a diversos agentes de socialização e transmissão de valores, o desenvolvimento de fontes alternativas de informação, a ruptura do consenso social sobre a escola e sua importância, o aumento das 11
contradições no exercício da docência, as expectativas com relação à escola, a pouca valorização que a sociedade tem dado ao professor, as mudanças nos conteúdos curriculares, os poucos recursos materiais, a relação professor-aluno, dentre outras.

Também destacamos as transformações ocorridas no próprio processo histórico que exigem mudanças de modelos, de ações, de atitudes, de postura, enfim, de atuação profissional. São muitas e significativas mudanças, vivemos uma era em que as informações e a comunicação, essenciais para a compreensão e a participação no mundo, se processam rapidamente, os avanços tecnológicos nos impulsionam até mesmo para novas formas de viver e sentir o mundo, novas formas de ver o próprio homem.

Em meio a tudo isso, a escola deixou de ser somente a transmissora de conteúdos para se voltar à formação de sujeitos em seu sentido amplo, devendo, para isso, ser um espaço comprometido com o humano, com o coletivo, com a ética. O professor passa a ter que buscar formas que estimulem e ajudem o aluno a ter acesso à cultura, à criatividade, à reflexão, à participação e à consciência de que faz parte, age e interage num mundo histórico e coletivo (VASCONCELLOS, 2003).

Com tantas e tão rápidas mudanças, os profissionais da educação estão se sentindo perdidos. Muitas vezes falta apoio suficiente, falta preparo e até formação adequada para este novo modelo que se configura na sociedade. São várias exigências e pouco investimento, ou seja, exige-se qualificação, mas não são oferecidas oportunidades iguais para que isso ocorra. Grande parte dos cursos de qualificação e especialização demanda custos altos e dedicação, que para a maioria dos profissionais é inacessível. Também, a grande maioria dos educadores ganha pouco, para não dizer vergonhosamente pouco, exigindo-se muitas vezes jornadas duplas, às vezes triplas, para ser possível uma sobrevivência digna, ou não tão indigna. Como aperfeiçoar? Onde arranjar recursos financeiros? Como ter tempo disponível, se é necessário trabalhar tanto? Com isso a qualidade fica defasada, ou seja, a

intensificação do trabalho docente, modifica em essência sua natureza. Ao mesmo tempo em que é exigido dos professores mais presença em sala de aula e produção acadêmica, de caráter científico, reforçam-se as incumbências administrativas, em face da redução de pessoal. Percebe-

se a tentativa de abordagem do trabalho acadêmico como composto por atividades mensuráveis em termos quantitativos, com pouco tempo destinado à reflexão e ao estudo e constantemente posto à prova acerca de sua operacionalidade. (ESTEVE, 1991, p. 106).

Lembramos, também, que as propostas de políticas educacionais no país e sua implementação, muitas vezes, são emperradas pelas mudanças de governo e a focalização do poder. Cada governo, ao assumir, ao invés de dar continuidade aos programas em andamento, costuma abandoná-los, “elegendo novas prioridades e recomeçando como se tudo estivesse nascendo a partir daquele momento” (GARCIA, 2000, p.114). A escola e a educação, ainda hoje, depois de séculos de descaso, permanecem como as grandes “esquecidas” das políticas sociais no país.

Em meio a esse turbilhão, o professor, em todos os níveis e cantos do país, tem que buscar alternativas que lhe permitam fazer com que a aula aconteça e consiga cumprir seu objetivo, que é o de permitir aos que ali estão o acesso ao conhecimento, que não só seja informação, mas e, acima de tudo, permita o crescimento humano e profissional de todos.

Nesse sentido, a sala de aula passa a ser um lugar em que a reunião de seres que pensam, compartilham, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, lugar de pessoas que trazem e carregam consigo saberes que foram adquiridos e internalizados em suas trajetórias de vida. Lugar em que é preciso romper verdades, dar lugar ao novo, transformar informações em novas formas de conhecer.

Paulo Freire (1996) diz que uma das principais tarefas da escola, da sala de aula, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. Ele acrescenta ainda que o educando deve assumir seu papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor.

Já Morin (*apud* MARANGON e LIMA 2002) defende a incorporação dos problemas cotidianos ao currículo e a interligação dos saberes, abandonando o

modelo cartesiano dos saberes fragmentados. É preciso reformar o pensamento, algo difícil, pois o pensar é consequência de uma série de fatores que vão-nos constituindo, desde o momento em que nascemos, como também vão interligar todos os conhecimentos, combatendo o reducionismo instalado em nossa sociedade, valorizando o complexo através de práticas interdisciplinares. “O conjunto beneficia o ensino porque o aluno busca relações para entender. Só quando sai da disciplina e consegue contextualizar é que ele vê a ligação com a vida” (Idem, p. 20).

Alguns autores ressaltam que é imprescindível saber para ensinar bem numa sociedade em que o conhecimento está cada vez mais acessível, e que a escola deve oportunizar o desenvolvimento de competências, tais como a participação, o saber trabalhar em grupos, o enfrentamento dos dilemas éticos, dentre outros.

César Coll defende a necessidade de um plano curricular que satisfaça, de forma articulada, todos os níveis da escola, que não pode separar o que cabe ao professor do que é responsabilidade dos alunos. Também fala da necessidade constante da família e outras instituições, estarem sempre envolvidas no universo escolar. “Para que a criança atinja os objetivos finais de cada unidade didática, temos antes de identificar os fatos, conceitos e princípios que serão propostos” (COLL *apud* MARANGON e LIMA, 2002, p. 22).

Fernando Hernández (1998) propõe a transgressão como intenção de mudança. A proposta transgressora, segundo ele, se resume em transgredir a educação tecnicista, transgredir o currículo escolar e a visão de Escola que impede que os alunos se construam como sujeitos. Também propõe transgredir a perda da autonomia dos professores e a desvalorização de seus conhecimentos e, por último, transgredir a incapacidade da Escola em repensar-se de maneira permanente.

Novamente lembramos Freire com sua pedagogia voltada para as classes excluídas e a necessidade da valorização da cultura das pessoas, como também de trabalhar em nossas escolas de forma articulada com a realidade que nos cerca, sem abandonar nunca a capacidade de sonhar e ter esperanças, na “perseguição constante de tornar possível amanhã o impossível de hoje” (1992, p.132).

Educar é um processo dialógico, complexo e dinâmico, que se faz e se re-faz constantemente, sofrendo influências e interferências sociais, políticas, econômicas,

culturais, morais. É uma dinâmica do eu ao mundo e do mundo ao eu, pois “é no espaço sagrado das aulas, no instigante confronto cotidiano entre os agentes e clientela, no coração mesmo da relação professor-aluno, que a ética pedagógica (ou a falta dela) se presentifica com mais força. O resto é mera consequência” (AQUINO, 2000, p. 29).

Temos um imenso desafio, já que transformar o que foi praticado e sedimentado durante séculos demanda tempo, coragem e vontade. Precisamos de educadores na verdadeira acepção da palavra, pessoas que estejam dispostas a enfrentar as dificuldades e efetivarem ações e práticas educativas, voltadas para a mudança e o respeito pelas diferenças, num processo contínuo do fazer e re-fazer em sala de aula.

Para que isso seja possível, é necessário estudo constante, leitura, abertura para o novo, espírito de coletividade, como também a humildade em reconhecer que somos seres limitados e passíveis de errar. Precisamos nos abrir para a troca do que sabemos com aquilo que ainda não sabemos, afinal, como já dizia Sócrates, “ninguém sabe nada”, o conhecimento é infinito e deve ser sempre disponibilizado.

O espaço da sala de aula é um lugar privilegiado em que se encontram professores e alunos que participam de ambientes sociais diversificados e precisam aprender a conviver. Vasconcellos (2003) lembra da necessidade da colaboração com a formação do educando em sua totalidade, tendo como mediação fundamental o conhecimento que visa à emancipação humana.

No dia-a-dia da sala de aula, estamos marcando vidas, e também sendo marcados de alguma forma. É uma relação recíproca que envolve ações que necessitam ser responsáveis e coerentes. Vejamos a dimensão das palavras de John Steinbech:

os meus três [professores] tinham essas coisas em comum. Todos eles amavam o que estavam fazendo. Eles não nos diziam o que saber: catalizavam o desejo ardente de conhecer. Sob sua influência os horizontes de repente se abriam, o medo ia embora o desconhecido se tornava conhecível. Mas, mais importante de

tudo, a verdade, esta coisa perigosa, se tornava bela e muito preciosa (STEINBECH *apud* CASTANHO, 2002b, p. 75).

Na sala de aula todas essas questões são vividas, visto que é ali o lugar instituído pela sociedade para a concretização das aprendizagens, é ali o lugar do encontro de pessoas tão únicas, que trazem características, valores, verdades, vontades e objetivos diversos. Para lidar com todas essas exigências e dimensões, é essencial o desejo de quem aprende e de quem ensina, é essencial o sentido do que se está vivendo e construindo na sala de aula.

Tudo isso nos leva a questionar sobre como tem sido nossa imagem diante de nossos alunos, que marcas temos deixado, será que temos conseguido nos tornar presenças importantes em suas vidas e memórias? Castanho (2002a) aponta-nos algumas características de professores marcantes, tais como o ensinar bem e conhecer bem a sua área; não dar apenas aulas expositivas, por melhores que sejam; aliar características positivas do domínio afetivo às do domínio cognitivo; o planejar as aulas; o uso em sua prática de pressupostos interacionistas e a articulação de posições teóricas na disciplina que ensinamos com postura política clara. Acrescentaríamos aqui a importância da ética e do respeito como também o cultivo da afetividade, pois somos não apenas seres racionais, como e também afetivos.

Com tantas teorias e propostas metodológicas e didáticas, o exercício profissional do professor, na atual complexidade do contexto histórico, é um desafio difícil, mas que nem por isso, deixa de ser possível, como também imprescindível, pois

a sala de aula não é simplesmente um cenário relacionado com os processos de ensinar e aprender. Nela aparecem como constituintes de todas as atividades ali desenvolvidas, elementos de sentido e significação procedentes de outras zonas da experiência social, tanto dos alunos quanto dos professores (REY, 2000, p. 23).

Também a aula é “o espaço onde se constrói o conhecimento com a

participação de todos e onde se buscam respostas para os problemas do meio onde vivemos” (MASETTO, 1992, p. 97); a sala de aula é uma realidade com muitas realidades.

Na interação diária com nossos alunos, estamos, de alguma forma, participando na construção de vidas que se refletirão na sociedade. O professor é aquele que “ensina a caminhar com passos firmes e também ensina o fascínio de ousar. Ensina trilhas e desenvolve o atrevimento de sair das trilhas aprendidas” (CASTANHO, 2002a, p. 162). Mediante nossa atuação no mundo, modificamos nosso jeito de ser, pensar, agir e sentir, enfim, construímos relações sociais ao mesmo tempo em que satisfazemos nossas necessidades. Segundo Savater:

Como indivíduos e como cidadãos, temos perfeito direito de ver tudo na cor característica da maior parte das formigas, ou seja, muito preto. Enquanto educadores, porém, não nos resta outro remédio senão ser otimistas, infelizmente. Educar é crer na perfectibilidade humana, na capacidade inata de aprender e no desejo de saber que há coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, fatos...) que podem ser sabidas e que merecem sê-lo – e que nós, homens, podemos melhorar uns aos outros por meio do conhecimento. De todas essas crenças otimistas podemos muito bem descrever privadamente, mas se queremos educar ou entender em que consiste a educação não há outro remédio senão aceitá-las. Com verdadeiro pessimismo pode-se escrever contra a educação, mas o otimismo é imprescindível para estudá-la... e para exercê-la. Os pessimistas podem ser bons domadores, mas não são professores (2003, p. 76).

Nossa responsabilidade no processo de ensino/aprendizagem além de enorme é diária. Precisamos romper com modelos cristalizados e ultrapassados, acreditando que somos mediadores não só dos conhecimentos, mas também de sentidos, significados da própria vida. É preciso comprometimento profissional e ético para com cada um de nós e principalmente, para com nossos alunos, na certeza

de que apesar do inesperado, sempre vale a pena educar. Paulo Freire (2000) nos questiona se estamos sendo seres da pura adaptação à realidade, miméticos ou se, pelo contrário, atuantes, curiosos, capazes de correr risco, transformadores, buscando nos tornar aptos para intervir no mundo, mais do que puramente a ele nos acomodar.

Temos que ser estes seres transformadores e questionadores, seres marcantes nas palavras de Castanho que vêm “em cada momento uma possibilidade de interagir e propiciar o crescimento do aluno” (2002a, p.157), seres que se fazem aptos no enfrentamento de tantos desafios, todos juntos, perseguindo o ideal de educação transformadora, que tanto sonhamos e necessitamos.

É o que Moraes (1997, p.225), denomina de “educar para a cidadania global”, que significa “formar seres capazes de conviver, comunicar e dialogar num mundo interativo e interdependente utilizando os instrumentos da cultura. Significa preparar o indivíduo para ser contemporâneo de si mesmo, membro de uma cultura planetária”. É preciso desenvolver novas formas de linguagem crítica que nos possibilitem, por um lado, desvelar o currículo oculto e, por outro, descobrir outras maneiras de ver o mundo e a educação e de transformá-la.

Mudar não é nada fácil, leva tempo, um tempo histórico que envolve processos individuais e coletivos que se articulam a outros de natureza ética, moral e sócio-econômicas, enraizados na cultura da coletividade.

Uma ‘nova’ postura não é de fato ‘nova’, no sentido literal. Novo é o processo cujo resultado terá sempre o velho, embutido de forma recriada. O que se busca com essa mudança de postura na escola e na vida é a construção de uma realidade educacional e social mais qualitativa, mais humana, mais livre e mais feliz (COSTALONGA, 1995, p. 23-24).

Assim, a práxis na sala de aula, torna-se uma atividade para além do pedagógico e, assumindo este compromisso desafiador, estaremos nos transformando no verdadeiro elo entre aquilo que ora temos e o que sonhamos, ou seja, um mundo melhor, mais feliz, mais justo, acima de tudo mais humano, em que todos sonhem

e tenham como efetivar os seus sonhos. Seria literalmente, transformar o que ainda se coloca como utopia em caminhos reais. Lembramos mais uma vez Freire:

Ser utópico não é apenas ser idealista ou pouco prático, mas também efetuar a denúncia e a anunciação. Por isso, o caráter utópico de nossa teoria e prática educativa é tão permanente como a educação em si, que, para nós, é uma ação cultural. Sua tendência para a denúncia e a anunciação não pode se esgotar quando a realidade, hoje denunciada, amanhã cede lugar à realidade previamente anunciada na denúncia. Quando a educação já não é utópica, isto é, quando já não possui a unidade dramática da denúncia e da anunciação, ou o futuro já não significa nada para os homens, ou estes têm medo de se arriscar a viver o futuro como superação criativa do presente, que já envelheceu. No entanto, conforme uma visão autenticamente utópica, a esperança não quer dizer cruzar os braços e esperar. A espera só é possível quando, cheios de esperança, procuramos alcançar o futuro anunciado que nasce no marco da denúncia por meio da ação reflexiva... a esperança utópica é um compromisso cheio de risco. (1995, p. 30)

Por ser dialético, educar é uma ação de risco, um processo de ação e reação, rupturas e tecimentos, erros e acertos, dúvidas e certezas. Neste fazer diário, a aula, ainda hoje, apesar de todos os questionamentos e transformações pelas quais vem passando, constitui-se num forte instrumento na concretização desta ação educativa. Nós, educadores que estamos em sala de aula, nunca podemos parar de nos questionar e de buscar novas e melhores alternativas para que a educação possa cumprir com seu verdadeiro objetivo, que é o de compartilhar saberes e conhecimentos, numa troca mútua entre aqueles que juntos participam deste momento nas escolas. Não podemos nunca nos acomodar, ficar na mesmice, não buscar inovar ou, até mesmo, achar que nada podemos fazer para melhorar. Somos, afinal, seres ditos racionais, e se assim somos, temos a responsabilidade de usar este dom e capacidade na tentativa de sempre buscar o melhor em nossas ações

educativas. Lembramos aqui das belas palavras de um dos maiores educadores que o Brasil já teve, nosso saudoso Anísio Teixeira:

A única finalidade da vida é mais vida. Se me perguntarem o que é essa vida, eu lhes direi que é mais liberdade e mais felicidade. São vagos os termos. Mas nem por isso eles deixam de ter sentido para cada um de nós. À medida que formos mais livres, que abrangermos em nosso coração e em nossa inteligência mais coisas, que ganharmos critérios mais finos de compreensão, nessa medida nos sentiremos maiores e mais felizes. A finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida. (2003, p. 64).

Fica a sugestão para que nunca abandonemos a busca pelo saber, a inquietação, o querer sempre melhorar nossa prática em sala de aula, afinal, o transformar saberes adquiridos em sabedoria.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

BARTHES, Roland. **Aula**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

BORDIGNON, Genuíno, GRACINDO, Regina Vinhaes. “Gestão da educação: o município e a escola”. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto, AGUIAR, Márcia Ângela da S. (org.). **Gestão da educação – impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2000.

6 CASTANHO, Maria Eugênia. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, Sérgio, CASTANHO, Maria Eugênia. (Org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2. ed., Campinas: Papyrus, 2002.

CASTANHO, Maria Eugênia L. M. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA, Ilma Passo Alencastro, CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (org.). **Pedagogia universitária – a aula em**

foco. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002.

COSTALONGA, Éli da Maria Fiorot. **Práxis: uma revolução permanente no espaço de sala de aula. AMAE educando.** Ano XXVIII, n. 254, set. 1995. p.23-28.

DEMO, Pedro. **Saber pensar.** 4. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

ESTEVE, José M. “Factores de mudança: doze elementos de transformação no sistema escolar”, in: NÓVOA, António (org.). **Profissão professor.** Porto – Portugal: Porto Editora, 1991.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d’água, 1995.

_____. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. “Escola pública e educação popular”, in: FREIRE, Paulo. **Política e educação.** México, Siglo XXI, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia – o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GARCIA, Walter E. “Tecnocratas, educadores e os dilemas da gestão”. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto, AGUIAR, Márcia Ângela da S. (org.). **Gestão da educação – impasses, perspectivas e compromissos.** São Paulo: Cortez, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho.** Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IMBÉRNON, Francisco. Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã. In: _____. (Org.) **A educação no século XXI.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARANGON, Cristiane; LIMA, Eduardo. “Os novos pensadores da educação”. **Nova Escola**, nº. 154, ago. 2002. p.18-25.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Aulas vivas.** São Paulo: MG Editores Associados, 1992.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** 9. ed. Campinas: Papirus, 1997. (Coleção Práxis).

PENIN, Sônia I. de Sousa. **A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura.** 4. ed. Campinas:

Papirus, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido, ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. Volume 1. São Paulo: Cortez, 2002.

REY, F. L. Gonzalez. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Anais**. 24ª Reunião Anual da ANPED, 2000.

SAVATER, Fernando. Pelo otimismo. **Nova Escola**, °. 162, maio. 2002.

SUBIRATS, Marina. "A educação do século XXI: a urgência de uma educação moral". In: IMBERNÓN, Francisco. (org). **A educação no século XXI – os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. Sobre a vida. **Nova Escola**, n°. 161. abril. 2003.

VASCONCELLOS, Celso. S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad. 2003.

* Ivana Guimarães Lodi, Mestra em Educação pela PUC/Campinas, Professora do UNIARAXÁ,
Endereço eletrônico: iglodi@terra.com.br.

Abstract – This paper takes some reflections about lesson and the processes of construction and the experience of knowledge that have been lived and researched by m authors. To think on the lesson is to think about everything that enables it to happen, its limits and its potentialities. The moment of the lesson is not only of cumulating knowledge, acquaintances, but to search of constructing the cognitive, epistemology and human autonomy regarded to the involved ones. Even with as many changes and transformations intra and extra classroom, the lesson still is a privileged and incomparable moment in the promotion and the experience of knowledge for the exercise of the citizenship in its various dimensions.

Key-words: lesson, knowledge, changes, possibilities.
